

## NOÇÃO DE COMPANHIA A PARTIR DA NOÇÃO DE ESPAÇO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Suzana Rocha(UNISUL/  
FACULDADE ESTÁCIO DE SÁ)

**ABSTRACT:** *The present study discusses semantic movements and the nuances of company that emerge from language in written news reports. Investigating the treatment of the notion of company/accompaniment through Case Theory, incorporated into Relational Semantics, the study concentrates on the semantic-pragmatic model used by Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et al (1995, 1998 and 1999), whose tenets stem from Charles Fillmore's models (1968, 1971, 1975), and which have also been further developed by Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) and yet further redimensioned by Walter Cook (1979, 1989). This work considers an utterance as the shelter for scenes and interprets the comitative microscene as one foregrounding the verb-predicator of the comitative semantic domain (Com), and acts as a complement, in the background, in the pragmatic - discursive interaction of the context in focus, but remains in the background of the microscene. It can thus be concluded that the metaphorical investment, which unveils the transposition from one semantic domain, especially the locative semantic domain, is very much present, owing to the dynamic nature of language.*

**KEYWORDS:** *nuances of company; semantic movements; journalistic texts*

### 0.0. Introdução

Este trabalho pretende investigar a constituição da noção de *companhia* a partir da noção de *espaço*, tendo como fundamentação os pressupostos teóricos da teoria de casos, em exemplários da língua em *uso*, aqui representados por enunciados coletados da linguagem jornalística.

A proposta objetiva (i) referenciar os fundamentos da teoria de casos propostos por Fillmore (68) e redimensionado por Nicolacópulos et alii (1997), Oliveira (1999) e Rocha (2003) para, a partir destes, configurar um “espaço teórico-metodológico”, que abrigue as dimensões semântico-pragmáticas, a fim de possibilitar a interpretação e análise do processo metafórico, envolvendo *espaço>companhia*; (ii) relativizar a significação dos ‘recortes’ enunciados a *cenar comitativos*; (iii) centrar o trabalho na noção de *companhia* constitutiva de *cenar comitativos* em enunciados da língua(gem), resultantes de movimentos semânticos oriundos da noção de *espaço*; e (iv) verificar a extensão do percentual de *cenar comitativos* geradoras da noção de *companhia*.

A hipótese do presente estudo é de que a noção de *companhia* emerge tanto no âmbito de efeito de sentido primeiro (básico) quanto na expressão de sentidos figurados (metaforizados), isto é, daqueles resultantes de movimentos semânticos empreendidos em direção ao domínio semântico *comitativo*. Nossa hipótese principal é que a noção de *companhia* nasce, na língua(gem), principalmente como metáfora da noção de *espaço*. No recorte *espaço>companhia* (baseados em análises de um projeto piloto de um corpus constituído de 62 predicadores comitativos), levantamos a hipótese que poderemos, a partir da noção de *espaço* subdividir a noção de *companhia* em: *espaço>companhia>não-na companhia*.

Em primeiro lugar funda-se o aparato teórico que dará sustentação à análise dos predicadores; mais especificamente, faz-se um percurso sobre o modelo semântico-pragmático utilizado e refinado por Nicolacópulos (1992,1997), Oliveira (1995), Oliveira (1999) e Rocha (1998,2003), com enfoque em enunciados *comitativos*, e, em especial, daqueles advindos do domínio espacial. Ao lado da fundamentação teórico-metodológica que articula semântica, pragmática e discurso, incluímos a análise de enunciados, retirados das editorias de política, economia e policial, da Folha de S. Paulo, durante do ano de 1997. E por último, uma breve conclusão retomando as hipóteses levantadas no presente estudo.

### 1.0. Noção de Metáfora

Durante séculos a metáfora esteve ligada à poesia de uma forma diferente daquela que se acredita hoje. Talvez nem tanto por uma mudança no conceito de metáfora, mas no próprio conceito de poesia e mente. *O poético vem do coração, não pode estar na mente, pois a mente é literal, acreditava-se*. Fazia-se uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem comum, onde a primeira era vista como um dom especial de alguns e a segunda, como a linguagem de todos. A metáfora era particular da linguagem poética,

era confusa, meramente emotiva e deveria ser evitada na linguagem comum, inadequada ao discurso sério, científico em especial na filosofia e na ciência porque ela era uma ilusão.

Vários estudiosos têm observado que a linguagem comum, aquela usada normalmente pelo homem no seu dia a dia, é repleta de metáforas. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso.

Etimologicamente, a palavra *metáfora* provém do grego, resultando da combinação do advérbio *metá* (por detrás, além) com o verbo *pheréin* (levar, conduzir), é uma mudança, transferência, transposição; mudança de sentido próprio para o figurado. (FILIPAK, 1984, p.24)

Na poética de Aristóteles, a *metáfora* é definida como um conjunto genérico-analógico, como um cruzamento de figuras de mudanças de sentido; é também, uma transferência de um nome estranho, estrangeiro (*allótrios*) de uma coisa para outra, transferência do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, da espécie para a espécie e por fim pela relação de analogia. Aristóteles define a *metaphorá* como uma *epiphorá*: é um termo descrito como uma espécie de deslocamento, transferência, movimento de ... até... (FILIPAK, p.24-5). Segundo Aristóteles uma boa metáfora implica numa percepção intuitiva da semelhança em dessemelhantes. (SACKS, 1992, p.36)

## 2.0. O modelo semântico-pragmático utilizado

Segundo Nicolacópulos (1992,1997), Oliveira(1995), Rocha(1998,2003), e Oliveira(1999), o processo metafórico instaura-se a partir da *intenção* do sujeito/enunciador, levando em consideração o conhecimento (supostamente) compartilhado do interlocutor, que faz o sentido pretendido trafegar pelo item lexical escolhido, *estendendo* (expandindo), sentidos que resguardam o vínculo, por *similitude*, com seu sentido básico. Desta forma, a metáfora se realiza por movimento semântico que configura *extensão ou alargamento* de sentido envolvendo minimamente dois pontos, representados por *x* e *y*: *x?* *y*, onde “*x*” representa o sentido básico, ponto-de-partida do movimento semântico, determinado pela intenção do enunciador, e “*y*” ponto-de-chegada, que assinala a ‘completude’ do deslocamento realizado. Mais concretamente, em muitos casos, que analisaremos mais adiante, poderemos interpretar a noção de *companhia* como extensão ou ponto-de-chegada de um movimento que se inicia no domínio conceitual espacial: espaço? companhia [*x?* *y*], constituindo uma nova formação semântica, onde coabitam as noções de espaço e companhia em um mesmo item lexical, perspectivizando a noção de *companhia* e deixando a noção de *espaço* no *background*, como pano-de-fundo. Esta ambivalência desta nova formação, com prevalência de um sentido sobre o(s) outro(s), resulta da *intenção do enunciador* em causar um determinado efeito de sentido.

Segundo esta abordagem, as extensões de sentido podem ocorrer a nível relacional e referencial. Os papéis semânticos, casos ou argumentos expressam as noções de *benefício*, *tempo*, *espaço*, *companhia*, *agentividade*, *experienciação* e *holístico*, relacionalmente, ou seja, ao nível de toda a predicação.

Os papéis semânticos ou casos constituem *domínios semânticos* (COOK, 1989, p.194) expressos relacionalmente: as noções de estado, processo e ação constituem o domínio semântico *básico*; as noções de posse, propriedade, ganho/perda, benefício/malefício, poder, transferência de posse/propriedade e poder integram o domínio semântico *benefactivo*; o domínio da *experiência* abrange as noções de sensação, emoção, cognição e comunicação; o domínio *locativo ou espacial* compreende a noção de espaço físico, tanto estático quanto direcional; a noção de *companhia* constitui o domínio comitativo; a noção de *tempo cronológico* é expressa pelo domínio temporal; e a noção de *completude* integra o domínio holístico.

Os movimentos semânticos a nível relacional tem um domínio semântico como origem e outro como destino. Pode igualmente ter como ponto de partida um subdomínio semântico e um domínio semântico, como ponto de chegada, ou vice-versa. Entende-se, aqui, subdomínio semântico como variações de conjuntos dentro de um domínio semântico que constituem conjuntos semânticos, captados relacionalmente. Assim podemos ter predicadores quase-benefactivos (NICOLACÓPULOS e SOUZA, 2002), (SILVA, 2002), como *arriscar*, *disputar*, *concorrer*, etc., interpretados como quase-benefactivos no âmbito de seu sentido primeiro. Não são benefactivos propriamente ditos, mas gravitam em torno do domínio benefactivo, pois resultarão eventualmente em benefactivos. O domínio da experiência, por ser amplo, encerra os subdomínios da sensação, emoção, cognição e comunicação, e permite movimentos semânticos entre eles.

Movimentos semânticos não captados relacionalmente, são captados referencialmente, como o faz uma ‘extensão’ da teoria de casos, chamada ‘frame semantics’ (semântica de quadros).

Como em Fillmore, as significações são relativizadas em ‘cenas’ (microcenas), cada microcena consiste minimamente de um verbo/predicador e um argumento (e possivelmente de elementos equivalentes

que constituem enunciados), aos quais adicionam outros argumentos e elementos modais.

Dentre todos os elementos que compõem a microcena, a cena (enunciado) e a macrocena (discurso), o sujeito-enunciador vai optar por colocar em perspectiva (*foreground*) aqueles elementos que ele julgar mais importante comunicar. Estas escolhas são *intention-driven* e pode-se falar de movimentos semânticos movidos a intenção (*intention-driven semantic moves*). Assim, desde o primeiro momento, o enunciador opta, conforme suas intenções e necessidades, por 'montar' a microcena que ele quer ativar na mente de seu(s) interlocutor(es) adicionando, subtraindo, 'agregando', 'associando' sentidos e/ou efeitos de sentidos que ele quer transmitir.

Quando Fillmore diz que os significados relativizam-se a cenas ele quer dizer que escolhemos e entendemos expressões porque temos ou ativamos em nossas mentes cenas ou imagens ou lembranças de experiências nas quais a palavra ou expressão tem uma função de nomear, descrever ou classificar. Por exemplo, se tivermos ocasião de dizer que uma pessoa passou um certo tempo em terra sabemos que essa expressão foi escolhida a partir de um conjunto contrastivo em que o termo oposto é *em mar* e que os termos desse conjunto requerem uma cena 'de fundo' envolvendo de alguma forma uma viagem marítima. O ponto é que sempre que escolhemos uma palavra ou frase, automaticamente carregamos com ela o contexto maior ou *framework* em termos dos quais a palavra ou frase que escolhemos tem uma interpretação. É como se descrições dos significados dos elementos devessem identificar simultaneamente 'figura' e 'chão' (*ground*).

Sempre que entendemos uma expressão lingüística de qualquer tipo, temos, simultaneamente, uma cena de fundo e uma perspectiva sobre aquela cena. Assim, no exemplo sobre comprar e vender, a escolha de uma expressão determinada a partir de um repertório de expressões que ativam a cena do evento comercial traz até a mente a cena toda - a situação toda do evento comercial - mas apresenta no *foreground* - em perspectiva - apenas um aspecto particular daquela cena. (NEVES, 1987, p.34-5)

O uso da noção de cenas como auxiliar na interpretação do significado, no que diz respeito aos casos, ou à análise dos papéis, pressupõe também a noção de perspectiva, uma vez que a cena compreende o recorte de uma situação, enquanto a noção de perspectiva dá conta do foco destacado na situação recortada. Essa visão mais alargada da interpretação dos enunciados objetiva captar os fatores contextuais que atuam como elementos coadjuvantes nos atos de fala e que, na análise restrita, passam despercebidos.

Os sujeitos da enunciação -enunciador e/ou enunciatário- são capazes de reconhecer as cenas que se instauram nos diferentes eventos/situações, bem como as funções dos participantes dos respectivos contextos. Cada um *seleciona*, de acordo com a referência que tem em seu mundo, uma pequena parte do evento (à qual atribui maior relevância) para colocar como *foreground*; no entanto, os demais componentes da situação continuam fazendo parte daquele todo, embora atuem como *background*, a fim de darem respaldo à interação dos participantes.

A apreciação efetiva dos predicadores/cenas comitativas sob a ótica da *teoria de casos* impõe a consideração das dimensões pragmáticas que se entrecruzam no âmbito contextual. Nesse sentido, buscamos explicitar as nuances comitativas que os usuários empreendem na articulação interativa que perpassa suas intenções no processo comunicativo. E o *corpus* que escolhemos se inscreve nesse universo de referência, uma vez que todo o conjunto de enunciados dos textos jornalísticos, na sua configuração de 'relato de aparências' preconiza a relação enunciador/enunciatário com o coadjuvante do lead jornalístico, porquanto mantém um conhecimento de mundo, necessariamente, socializado.

Com o objetivo de ampliar a abrangência da *teoria de casos*, de modo a abrigar, efetivamente, as nuances de sentido que se espriam no contexto da língua em *uso* e que se materializam, especialmente, através dos movimentos semânticos que se configuram em formações metafóricas, Nicolacópulos et alii (1997), Oliveira (1995), Oliveira(1999) e Rocha(1998, 2003) expandem as perspectivas de análise, dando origem a um modelo semântico-pragmático. Neste sentido, com base no modelo de Fillmore, Chafe e Cook, os autores realizam alterações e refinamentos ao modelo, visando abarcar as dimensões pragmático-discursivas nos processos de análise e interpretação que se propõem a realizar.

Trata-se de uma abordagem não-localista, que, assim com outros modelos casuais, tem um verbo central e um número de argumentos (papéis semânticos ou casos) que estão em relação de dependência com o seu verbo. O modelo focaliza as dimensões sintáticas e semânticas, relativamente ao verbo, que fica configurado como elemento central, como *centro dinâmico do enunciado*. Essa teoria, por articular os dois pólos sintático-semântico-, se inscreve numa perspectiva relacional, buscando no pólo sintático relacionar os elementos frásicos, condicionando a ocorrência ou não dos mesmos, de acordo com as propriedades morfossintáticas, com vistas a explicitar os lugares vazios em torno dos verbos; no pólo semântico, busca deflagrar os papéis temáticos dos argumentos que se associam ao verbo. (OLIVEIRA, 1999, p.68).

*O sistema casual* (lista de casos) segue os princípios estipulados por Fillmore, ou seja, pequeno,

adequado para a classificação dos verbos da língua e universal. Tal lista compreende oito casos. O caso Ag (agente ou agentivo) expressa ação; o Ex (experienciação) denota sensação, emoção, cognição, e evidência o ouvinte da comunicação; o B (beneficiário) exprime posse, poder, ganho ou perda, benefício/malefício e transferência de propriedade ou de poder; o Ob (objeto ou objetivo) que, com verbos de estado, denota o que está sendo descrito, com verbos processuais, o que sofre mudança de estado, e com verbos agentivos expressa afecção, etc.; o L(locativo) expressa localização, o T(tempo) denota tempo cronológico, o *Co(comitativo) expressa companhia* e o H (holístico) denota totalidade, completude. Os tipos de verbos/predicadores classificam-se em *básicos, experimentativos, benefactivos, locativos, temporais, comitativos e holísticos*, os quais são percebidos estática, processual ou agentivamente.

Esta abordagem adota (i) a não-obrigatoriedade do caso Ob(objeto); (ii) como em Fillmore o modelo também reconhece a possibilidade, embora rara, da ocorrência de casos considerados mutuamente excludentes. O verbo *passar*, por exemplo, admite os casos L(locativo) e T(temporal), como em *Jeffrey* passou *terça-feira à tarde na praia*, (FILLMORE, 1971, p.51); (iii) ainda com relação a este exemplo com o verbo *passar*, o modelo ressalta a possibilidade, rara, da ocorrência de mais de três casos em uma mesma proposição; (iv) para esta abordagem, os casos estão em uma relação de associação e não de dependência com o seu verbo/predicador. Desta forma, o verbo traduzirá a soma desta interação e da(s) significação(ões) espalhadas pelo enunciado produzido em contexto. Dentro desta ótica, verbo/predicador pode ser definido como sendo uma espécie de *síntese mini-enunciativa*. Para tanto, o modelo leva em consideração elementos *pragmáticos* na análise casual, permitindo uma abordagem *semântico-pragmática* do enunciado, especialmente no que se refere à articulação do verbo com seu argumentos. Neste sentido, põe em evidência uma ampliação capaz de abrigar as manifestações efetivas da língua(gem), nos mais diversos contextos de uso.

No âmbito semântico-discursivo a consideração da pragmática é de grande relevância, pois é na construção dos efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador que se encontram as origens das ambigüidades, das potencialidades significativas como um todo, inclusive da metáfora. Esta perspectiva deve-se ao fato de encararmos a linguagem como um jogo de palavras e enunciados que viabiliza a construção dos efeitos discursivos desejados. O ensino da linguagem, desenvolvido sob essa ótica, colocará o sujeito-enunciador em contato efetivo com a língua e a cultura de sua comunidade, tornando-o sujeito participante e integrado no ambiente em que convive com sua comunidade.

Os fatores que constituem a significação respaldam a combinatória do verbo com seus argumentos, a fim de subsumirem o caráter polissêmico inerente às predicções. Dentro desse contexto, articulam-se os elementos de referência contextual e complementares à constituição do sentido. A *noção de cenas*, que compreende eventos e/ou situações *recortadas* de um todo mais amplo, a nuança de sentido perspectivizada e a saliência, que viabiliza a dimensão hierárquica do sujeito, segundo a concepção de Fillmore (1977, p.59-81), permite melhor configuração dos efeitos de sentido, porquanto veicula a intencionalidade do enunciador: o que este deseja colocar em perspectiva passa a ser o mais relevante. As cenas, portanto, subsumem os empreendimentos pragmáticos, na medida em que consolidam discursivamente a vontade do sujeito/enunciador.

Uma análise casual capta os empreendimentos significativos no seu todo, levando em conta o contexto de referência em que as articulações de sentido ocorrem. Os elementos postos em perspectiva dominam a *cena* que se evidencia, enquanto os outros permanecem como coadjuvantes, mas continuam como integrantes da instância enunciativa, onde o que foi perspectivizado atua como síntese.

Para a *teoria de casos* interessa exatamente essa constelação de sentido que os verbos subsumem a partir das diferentes instâncias enunciativas, verdadeiras 'matrizes' geradoras de contextos que produzem novos efeitos de sentido, quer em âmbito mais simplificado - na linguagem comum -, quer em âmbito mais complexo - na constituição da metáfora. O sentido nasce na troca, é construído e constituído no momento em que a linguagem instaura o sujeito da enunciação. O discurso existe para significar, por isso, a incorporação de fatores pragmático-discursivos pela teoria de casos pode ser de grande valia para a análise mais efetiva das predicções nos diferentes contextos. Em razão disso, consideramos que o caráter neológico de uma expressão pode ser instaurado pelo efeito de sentido que a mesma assume no contexto em que aparece. (ROCHA et alii, 1998, p.86).

Ao qualificar os argumentos que se ligam ao verbo, a teoria de casos procura explicitar os efeitos de sentido configurados e, no âmbito dessa interpretação, dá conta do que se entende como *sentido básico*, que compreende o efeito de sentido assimilado por determinada comunidade lingüística, isto é, o sentido primeiro com o qual os falantes estabelecem a relação de entendimento; ou como *sentido metaforizado*, que compreende o re-investimento lexical, notadamente de domínio da comunidade lingüística em que ocorre.

Segundo Oliveira (1999, p.113), o processo de metaforização materializa a instituição do sentido, obtendo novos efeitos, que são possíveis através da recursividade lingüística. Essa imbricação projeta os ‘entredizeres’, através da supressão de traços de sentido já conhecidos, ao mesmo tempo em que evoca para esse mesmo *lugar de dizer* outros traços que subsumem expectativas neológicas, ou, pelo menos, de efeito significativo. No dizer de Carlos Vogt, a metáfora é a “outra máscara que a linguagem veste para produzir sentidos”, é a supra-realidade interacional que se efetiva no contexto da comunicação.

### 3.0. O Corpus

O *corpus* desta pesquisa será constituído de cenas comitativas retiradas da linguagem jornalística, mas especificamente da Folha de S. Paulo, durante o ano de 1997, jornal diário de grande circulação nacional, nas editorias política, econômica e policial. Para tanto, solicitamos a elaboração de um software, especialmente produzido para este trabalho pelo Laboratório de Instrumentação Eletrônica: Circuitos e Processamentos de Sinais -LINSE da UFSC. Este software constitui-se em um sub-produto dos projetos desenvolvidos pelo referido Laboratório para reconhecimento de fala e conversão texto-fala.

A matriz compõe-se de 62 predicadores comitativos. Após o levantamento de todos os enunciados que perspectivizam os predicadores/cenas comitativas tanto em seu sentido de efeito primeiro quanto metaforizados, e a explicitação do processo de análise a ser adotado com base nas formulações da teoria de casos, procederemos a análise do corpus, amparados nos seguintes dicionários: Houaiss (2001); Ferreira (1999); Cunha(1982); Borba (1990). Os dois primeiros por apresentarem uma abordagem clássica da recursividade ‘natural’ da língua(gem) além de ser tradicionalmente consagrados como os dois dicionários mais completos da língua portuguesa. O terceiro trata da etimologia e, por conseguinte, resguarda a evolução, a transformação e a própria história, configurando a possibilidade de captar ocorrências que já tiveram o seu ‘lugar’ de dizer, embora se encontrem cristalizadas e/ou cansadas no contexto de usos mais atuais; e o último configura-se como um dicionário de frequência e apresenta uma abordagem casual dos verbos o que inscreve a sua relação de pertinência com esta investigação. Por fim, proceder-se-á à interpretação dos resultados, *testagem* das hipóteses tendo por base o referencial estabelecido.

Para o estudo desse domínio semântico selecionamos 62 verbos-predicadores das editorias de economia, política e polícia da Folha de S.Paulo durante o ano de 1997.

Predicadores comitativos básicos: *acompanhar, casar, conviver, namorar, seguir, divorciar-se, segregar*, e predicadores comitativos metaforizados advindos do domínio semântico espacial: *afastar, andar, aproximar, arrastar, caminhar, cercar, chegar, correr, deixar, desviar, esconder, ficar, freqüentar, fugir, isolar, levar, passar, retornar, sentar, voltar, morar, trazer, vir, ir, sair, abandonar*; advindos de outros domínios semânticos: *achar, apanhar, conquistar, dar, dirigir, encontrar, entregar, ganhar, perder, perseguir, precisar, procurar, receber, recuperar, roubar, devolver, ter, oferecer, tomar, continuar, crescer, estar, permanecer, romper, separar, viver, adotar, esperar e ver*.

Os verbos/predicadores são examinados pelos quatro dicionários citados, com vistas a explicitar se os usos efetivos estão ocorrendo em seu(s) sentido(s) básico(s) ou metaforizado. Por isso, em nossa pesquisa, adotamos como sentido básico o primeiro sentido registrado pelo(s) dicionário(s). Em caso de discordância entre os dicionários, adotamos o sentido que se coadunava com nossa intuição de falante nativo. A seguir, analisaremos, *a noção de companhia como metáfora de espaço* a partir de predicadores comitativos, em dois blocos: (i) a partir de predicadores comitativos básicos e (ii) a partir de predicadores comitativos metaforizados.

O corpus deste bloco a serem analisados se compõe de dois (02) enunciados comitativos que se constituem a partir dos seguintes predicadores comitativos básicos: *acompanhar e divorciar-se*.

1. ACOMPANHAR: a) cf. Cunha ‘a acompanh.ado, - amento, -ar - companhia; b) cf. Houaiss - ‘estar ou ficar com ou junto a (alguém) constantemente ou durante certo tempo; fazer companhia a <acompanhar alguém durante uma espera>; c) cf. Ferreira - ‘ir em companhia de; fazer companhia a’ ‘seguir’; d) cf. Borba - significa juntar-se a (alguém), para ir onde ele vai a mesmo tempo que ele, ir em companhia de conduzir’.

- 1.1. “No vôo de volta à Itália, o papa estava cansado e acabou não falando com os jornalistas que o **acompanhavam**.”

(F.S.P.,07/10/97,pg.1-12)”

Na cena acima encontra-se o predicador **acompanhar** que inscreve o seu sentido básico como ‘fazer companhia a’, assinalando sua natureza comitativa. No enunciado acima, a *vs* do predicador encerra a seguinte grade temática: Ag,Ob,Co/Ag=Co. Um Ag em co-referência com um Co expresso por ‘os jornalistas’ no enunciado acima, e um Ob expresso pelo ‘o papa’.

2. DIVORCIAR-SE: a) cf. Cunha - ‘separação do vínculo matrimonial’ ‘desunião, separação’; b) cf. Ferreira - ‘provocar ou decretar o divórcio de’; c) cf. Houaiss - ‘separar(-se) judicialmente <a juíza aceitou divorciá-los>; d) cf. Borba - ‘significa decretar o divórcio de’.

1.2. “Com é que você se separa de uma mulher em 88, em outubro de 97 **se divorcia** dela e, 20 dias depois, se casa com a mesma mulher?(F.S.P.,27/11/97,pg.1-10)”

A cena destacada envolve o verbo-predicador **divorciar-se**, cujo sentido básico expressa a idéia de ‘separar-se judicialmente’, manifestando sua constituição comitativa. Na cena analisada, a *vs* do referido predicador deflagra a presença de um Ag em co-referência com um Ob(ambos apagados), representado por ‘você’ - aquele que não está mais na companhia de alguém (sua esposa) representado por ‘dela’ configurando o Co. A grade temática está assim representada: Ag,Ob,Co/Ag=Ob-apag.

O corpus, abaixo, a serem analisados consiste de enunciados comitativos que se constituem a partir dos seguintes verbos comitativos metaforizados: *achar, adotar, afastar, crescer, andar, aproximar*.

1. ACHAR: a) cf. Cunha - ‘encontrar, descobrir’; b) cf. Houaiss, Ferreira e Borba - ‘encontrar por ter procurado ou por acaso; deparar com, topa <achar uma bolsa>.

No contexto abaixo está expresso o predicador *achar*, que detém o sentido primeiro de ‘encontrar por ter procurado’, ratificando sua caracterização benefactiva (B).

1.1. “Quando eu vi a casa do lado desabando, saí correndo para tentar **achar** a chave do carro, mas não sabia onde a havia guardado. (F.S.P.,17/07/97, pg.3-4)”

1.2. “O que nós pudemos fazer foi dar um suporte para que o filhote ficasse algumas horas sem sentir dor, até conseguir **achar** a mãe, disse Andréa. (F.S.P.,06/12/97,pg.3-4).

O predicador **achar** encerra como sentido básico de ‘encontrar’, evidenciando sua configuração benefactiva. Assim, no enunciado 1.1. a valência semântica (*vs*) do predicador encerra um agente (Ag), pois encerra intenção, que está numa relação de co-referência com o beneficiário (B), ambos apagados na âmbito da microcena (=aquele que procura a chave do carro para ter em sua posse; e um objeto (Ob), representado por *a chave do carro* (=aquilo que ele está procurando). A grade temática que resulta dessa análise é: Ag, B, Ob, onde Ag=B. Podemos observar outra ocorrência com o predicador **achar** no enunciado 1.2., que, nesse caso, sai do domínio benefactivo para o domínio comitativo evidenciando um deslocamento. Nesta microcena o predicador **achar** encerra um Ag em co-referência ao Ob, expresso por ‘filhote’, e um argumento comitativo contido em ‘a mãe’, representados na grade temática da seguinte maneira: Ag,Ob,Co/Ag=Ob; **B@ C**.

2. ADOTAR: a) cf. Cunha - ‘esolher, optar por’ ‘ aceitar, acolher’ ‘ perfilhar’; b) cf. Houaiss - ‘adotar<sup>2</sup> - dar um dote; dotar’; c) cf. Ferreira - ‘optar ou decidir-se por; escolher, preferir’; d) cf. Borba - ‘significa fazer seu, escolhendo ou decidindo, seguir’.

A microcena abaixo abriga o predicador **adotar**, que inscreve o seu sentido básico como ‘optar ou decidir-se por, escolher, preferir’, de modo que esse é um verbo experimentalivo(Ex).

2.1. “O avanço nas reformas ajudará muito, porque poderemos **adotar** uma política monetária mais branda, disse o diretor do Banco Central Francisco Lopes. (F.S.P.,12/10/97,pg.1-15)”

2.2.”O padastro do garoto, Roger Clinton, o **adotou** e lhe deu um novo sobrenome. (F.S.P.,12/10/97,pg.1-15)”

O sentido básico no enunciado 2.1. deflagrado pelo verbo-predicador *adotar* (=decidir, preferir) está circunscrito no domínio semântico da experiência; assim *avs* do predicador assinala a presença de um Ag que está numa relação de co-referência com o Ex(aquele que decide, representado pelo ‘o diretor do Banco Central Francisco Lopes), um Ob(o conteúdo da experiência representado por ‘uma política monetária mais branda’). Temos a grade temática representada por: Ag,Ex,Ob /Ag=Ex. No enunciado 2.2. a metaforização emerge do efeito de sentido do domínio da experiência para o domínio comitativo (Co) resultando uma microcena comitativa. Nesta microcena o predicador *adotar* apresenta a seguinte grade temática: Ag (aquele que pratica uma ação e, está numa relação de co-referência com o Co - Comitativo -, simultaneamente aquele que adota e ao mesmo tempo aquele (Co) que está na companhia de alguém, expresso por ‘Roger Clinton’. O Ob - objeto - está representado por aquele que foi adotado, portanto: Ag,Ob,Co/Ag=Co; **E® C**.

Encontramos o verbo/predicador *afastar*, tanto em seu sentido primeiro como metaforizado, nos exemplos abaixo:

3. AFASTAR: a) cf. Cunha - ‘pôr de lado, apartar, distanciar’; b) cf. Ferreira - ‘Pôr de parte, de lado’; c) cf. Houaiss - ‘colocar(-se) [alguém ou algo] a certa distância de (pessoa, coisa concreta ou abstrata) ou colocar (algo) diante de si mesmo; distanciar(-se), apartar(-se), arredar(-se) <afastar um móvel da parede>; d) cf. Borba - ‘significa fazer recuar, impulsionar para trás: Afastei um pouco o carro para que a bicicleta pudesse passar’.

Na microcena abaixo está expresso o predicador *afastar*, que contém o sentido básico de ‘distanciar(-se) o que configura sua natureza locativa (L).

3.1. “A asma ocupacional atinge principalmente adultos e tende a melhorar nos finais de semana e férias, quando a pessoa se *afasta* do local de trabalho. (F.S.P.,11/09/97,pg.3-11)”

3.2. “Eu disse: com lobista eu só falo à luz do dia, disse o ministro, ao se *afastar* de Luis César.” (F.S.P.,02/07/97,pg.2-5)”

No contexto 3.1. fica perspectivizada a noção de lugar, alguém que se afasta, se distancia de algum lugar, portanto locativo (L) representado por ‘do local de trabalho’; assim, a *vs* do predicador assinala a presença de um Ag(agente), em co-referência com um Ob(objeto), pois ele é o agente que se desloca de um lugar para o outro e ao mesmo tempo o objeto (Ob) deslocado, afastando-se do seu lugar de origem, representado por ‘do local de trabalho’, evidenciando o domínio espacial. Nesta microcena temos a seguinte grade temática: Ag,Ob,L/Ag=Ob. No contexto de 3.2. os traços que se referem à localização (afastar em 3.1.) ficam rebaixados (no background), em seu lugar, são perspectivizados outros, que indicam ‘sair da companhia de’ que expressam companhia; esse novo efeito de sentido é viabilizado pelo deslocamento que ocorre do domínio semântico espacial para o domínio comitativo. Na microcena analisada, a *vs* do referido predicador pressupõe um Ag e um Ob, dois casos para um papel temático (Ag=Ob), indicado em ‘o ministro’, aquele que se afasta da companhia de ‘Luis Cesar’, representado por Co, configurando a seguinte grade temática: Ag,Ob,Co/Ag=Ob; **L® C**.

Exemplo com o verbo/predicador *crescer* em seu sentido primeiro e metaforizado em predicador comitativo:

4. CRESCER: a) cf. Cunha - ‘aumentar, avultar, multiplicar -se, crescer’; b) cf. Ferreira - ‘aumentar em volume, grandeza ou extensão’; c) cf. Houaiss - ‘desenvolver progressivamente (etapas próprias) após o nascimento ou até antes dele <a ultrasonografia acusava que o bebê crescera> <o cão crescia rápido>; cf. Borba - ‘significa fazer crescer, aumentar’.

4.1. “Vi quando ainda era um embriãozinho, depois *cresceram* as mãozinhas e os pezinhos e agora está todo formado. (F.S.P.,19/10/97,pg.3-6)”

4.2. “E se esta mulher vive só e a criança *crescerá* sem um pai, ela continua tendo esse direito? (F.S.P.,30/03/97,pg.3-

10)''

Nos contextos acima, as cenas incluem o predicador *crecer*, que, em seu sentido básico emerge em domínio objetivo (Ob), ratificando sua natureza objetiva. No contexto 4.1. fica perspectivizada a noção de 'aumentar' representada pela 'as mãozinhas e os pezinhos', tendo como grade temática: Ob. Já no contexto 4.2. podemos observar que o sentido do predicador *crecer* mudou de domínio semântico básico para o comitativo, para abrigar o deslocamento pretendido pelo sujeito-enunciador. O novo sentido que lhe é atribuído advém do nome 'sem um pai', e é a combinação com esse elemento que imprime ao verbo-predicador *crecer* o sentido metaforizado de *não na companhia de seu pai*, portanto comitativo, produzindo a grade temática: Ob(criança) e Co(sem um pai); **O®C**.

Exemplos, retirados da linguagem jornalística, com o verbo/predicador *andar* em seu sentido básico e metaforizado para o domínio comitativo:

5. ANDAR: a) cf. Cunha - 'dar passos, caminhar'; b) cf. Houaiss - 'dar passos, caminhar <contou que o filho Começara a andar>; c) cf. Ferreira - 'movimentar-se, dando Passos; caminhar: a menina só andou com dois anos'; d) cf. Borba - 'significa mover-se por conta própria, dar passos, caminhar'

5.1. "*Muito abalado emocionalmente, com tremores e dificuldade de andar, Castro ainda deveria permanecer internado esta noite, segundo a direção do hospital.*(F.S.P.,10/07/97,pg.3-3)"

5.2. "*O irmão do garoto, Fernando, 9, disse que, mesmo sem ir às aulas, o menino não andava com más companhias do bairro.* (F.S.P.,03/07/97,pg.3-2)"

Encontramos o predicador *andar* cujo sentido básico configura-se 'dar passos, caminhar, mover-se' o que configura um domínio locativo, conforme podemos observar no enunciado 5.1. Já no enunciado 5.2. o indicador espacial *andar* é projetado de seu domínio locativo para o domínio comitativo, indicando o efeito de sentido que perspectiviza companhia 'não andava com más companhias do bairro', ficando os papéis semânticos representados na grade temática como: Ag,Ob,Co/Ag=Ob; **L®C**. O papel temático agentivo e o objetivo estão representados por 'o menino' e o comitativo 'com más companhias'.

Encontramos o predicador *aproximar*, tendo como campo de origem o domínio espacial, em seu sentido básico e, também, como domínio comitativo, saindo de seu campo de origem em direção ao campo das comitativas, metaforizando-se, nos seguintes recortes:

6. APROXIMAR: a) cf. Cunha - 'a próxima. ação,-ado,-ar, -ativo, -ável - próximo; b) cf. Houaiss - 'pôr(-se), tornar(-se) próximo (no espaço ou no tempo); avizinhar(-se), chegar (-se); c) cf. Ferreira - 'pôr próximo; tornar próximo; chegar; avizinhar'; d) cf. Borba - 'significa tornar próximo, avizinhar, acercar.

6.1. "*O papa João Paulo 2º sorriu e acenou para a multidão que, sem a intervenção dos soldados do Exército, pôde se aproximar do carro que o levou ontem à tarde para a Base Aérea do 3º Comar.*(F.S.P.,04/10/97, pg.1-6)"

6.2. "*Ele esperou o curso de anatomia acabar para se aproximar da então ex-aluna.*(F.S.P.,30/11/97,pg.3-7)"

Na cena 6.1. encontramos o verbo/predicador *aproximar*, cujo sentido básico configura-se em 'tornar próximo, avizinhar', conseqüentemente locativo. Como podemos perceber em 6.2. o predicador faz uma projeção do seu domínio de origem para outro domínio dando um novo sentido à microcena do enunciado. A vs do verbo *aproximar* fica interpretada com Ag,Ob,Co/Ag=Ob; **L®C**. 'Ele' expressa o agente e o objeto simultaneamente e 'da então ex-aluna' exprime o comitativo (Co). O seu sentido básico no primeiro enunciado denota alguém que se aproxima de algum lugar, enquanto que no segundo percebemos uma metaforização, uma extensão de sentido, alguém que se aproxima não de um lugar mas de outro ser, que se

avizinha para ficar na sua companhia, instaurando o sentido comitativo.

Esses exemplos indicam que predicadores espaciais podem, também, migrar para predicadores que denotam companhia. Há uma transposição metafórica do sentido espacial para o sentido comitativo. A metáfora ilumina certos traços enquanto suprime outros. Por exemplo, o lado ativo de (i) “Ao sinal de Werreriá, o tesoureiro da igreja **caminha** entre os fiéis, recolhendo doações.(F.S.P.,28/12/97,pg.1-11)”; (ii) “Elas sempre me abordaram com certo respeito, por causa dessa coisa de ter sido jornalista e casada há tanto anos, mas agora eu percebo que elas querem **chegar** perto, dar beijinho.(F.S.P.,16/11/97,pg.3-6)”; é trazido para primeiro plano pela noção de companhia, enquanto que em segundo plano, foreground, pano de fundo, fica seu sentido básico locativo como em (iii) “O professor Reinaldo de Oliveira, 35, que **caminha** no parque há um ano, afirma que nunca sentiu irritações na garganta, nariz ou olhos depois da caminhada.(F.S.P.,12/11/97,pg.3-5)”; (iv) “FHC **chegou** ontem a Santiago, capital chilena, para participar da reunião do PECC, um fórum não-governamental que reúne países com acesso comercial ao oceano Pacífico.(F.S.P.,01/10/97,pg.2-4).”

#### 4.0. Apreciação dos resultados

Os resultados obtidos pela análise de sessenta e dois (62) enunciados permitiram que extraíssemos as conclusões que seguem:

1. os enunciados comitativos nascem a partir de predicadores comitativos
2. existem enunciados comitativos na lingua(gem) que emergem de predicadores não comitativos, metaforizados em comitativos
3. os predicadores comitativos aparecem na lingua(gem) jornalística quer no sentido básico, quer como metáfora de outros campos
4. a maioria dos enunciados metafóricos analisados trataram de metaforizações do locativo para o comitativo, ou seja, uma nítida ‘intenção’ metafórica de produzir enunciados comitativos via predicadores locativos que, no âmbito do contexto do enunciado, assumem contornos ‘feições’ comitativas
5. que a ‘intenção’ do enunciador em optar por fazer uma ‘peregrinação’ via locativo e outros, visa causar um certo efeito de sentido. O objetivo é evocar uma determinada imagem
6. dos 62 enunciados comitativos analisados, encontramos 26 enunciados locativos, 19 benefactivos, 06 básicos, 03 experimentativos, todos indo em direção ao domínio semântico comitativo
7. nossa hipótese principal se concretiza ao término desta pesquisa, confirmando que a noção de companhia nasce, na lingua(gem), principalmente como metáfora da noção de espaço
8. o âmbito contextual intervém decisivamente na constituição de enunciados metafóricos comitativos
9. podemos extrair das análises das predicações metaforizadas a seguinte lista de predicadores (origem) metaforizados em predicadores comitativos(destino). • → C.

#### L ® C

Afastar	Freqüentar
Abandonar	Fugir
Andar	Isolar
Aproximar	Ir
Arrastar	Levar
Caminhar	Morar
Cercar	Passar
Chegar	Retornar
Correr	Sair
Deixar	Sentar
Desviar	Trazer
Esconder	Voltar
Ficar	Vir

O quadro acima sintetiza a nossa percepção do ‘movimento’, do ‘transporte’ (metaphorá), do ‘deslocamento’ que sofrem os predicadores advindos do campo semântico locativo para instaurar um ‘cenário’ (ou seja, conjunto de cenas) *comitativas* na lingua(gem).

RESUMO: O presente estudo trata *da construção de cenas comitativas*. Investiga o tratamento da noção de *companhia/acompanhamento* a partir da Teoria de Casos, subsumida pela Semântica Relacional, concentrando-se no modelo Semântico-pragmático utilizado por Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos et alii (1995, 1998 e 1999), ancorando nos modelos formulados por Charles Fillmore (1968, 1971, 1975), também desenvolvidos por Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) e redimensionados por Walter Cook (1979,1989). Assenta-se na noção de Cenas de Fillmore (1977), expandindo sua abrangência com vistas a dimensionar uma articulação de caráter pragmático-discursivo, compatível com as perspectivas de análise e de interpretação a que se propõe. O trabalho considera o enunciado como o lugar de abrigo das cenas e interpreta a microcena que coloca em perspectiva (*foreground*) o verbo/predicador do campo semântico comitativo (*Com*), e o que atua como coadjuvante, no pano de fundo, na interação pragmático-discursivo do contexto focalizado, mas permanece no background da microcena. Conclui-se que os investimentos metafóricos, que assinalam transposição de campo semântico, especialmente o campo semântico *locativo*, são bastante recorrentes, dada a natureza de dinamicidade da língua(gem).

PALAVRAS-CHAVE: *noção de companhia; movimentos semânticos; linguagem jornalística*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J M. (1971). *The grammar pf case: towards a localistic theory*. Cambridge. Cambridge Studies in Linguistics, n.4. At the University Press.
- BORBA, F.S. (1996). *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Àtica.
- \_\_\_\_\_. (1990) *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- BUSSE, W. e VILELA, M. (1986). *Gramática de valências*. Almedina: Coimbra.
- CARVALHO, M. B. (1983). *As gramáticas de casos: uma visão global*. Imprensa da Universidade Federal de Viçosa. MG.
- \_\_\_\_\_. (1986) *Uma introdução à Gramática de Casos*. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Considerações sobre a diversidade de propostas das gramáticas de casos*. In: Gramática de casos. SériEncontros. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano II, n. 1. UNESP, Campus de Araraquara.
- CHAFE, W. L. (1970). *Meaning and the structure of language*. Chicagp: University of Chicago Press. (Trad.Bras. *Significado e estrutura lingüística* (1979). RJ: Livros Técnicos e Científicos.
- CHAOUI, C. (2001). *Teorias contemporâneas de metáfora: convergências em diferenças*. Dissertação de mestrado. Florianópolis -UFSC.
- COOK, Walter A S J (1989) *Case grammar theory*. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- \_\_\_\_\_. (1978). *A case grammar matrix model*. In: Valence, semantic case and relation grammar. Edited by Werner Abraham. Companion Series to Studies in Language, v. 1. John Benjamin, Amsterdam.
- \_\_\_\_\_. (1970-1978). *Case grammar: development of the matrix model*. Washington, D.C.: Georgetown University.
- CUNHA, G.C. (1992). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. RJ: Nova Fronteira. 2ªed.
- DUBOIS, J et alii (1978). *Dicionário de lingüística*. Cultrix, São Paulo. Trad. De Dictionnaire de Linguistique. Librairie Larousse, Paris. 1973.
- FERREIRA, A B de H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ªed. RJ: Nova Fronteira.
- FILIPAK, F. (1984). *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV.
- FILLMORE, C J (1968). *The case for case*. In: Universals in linguistic theory. N.Y.:Holt, Rinheart and Winston.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Em favor do caso*. In: Lobato, Lúcia M.A *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Editora Francisco Alves. P.275-359.
- \_\_\_\_\_. (1977). *The case for case reopened*. In: *Syntax and semantics*. V.8. Grammatical Relations. Edited by Peter Cole and Jerrold M. Sadok. New York, Academic Press. P.
- FILLMORE, C J & ATKINS, B T S (2000). *Describing polysemy: the case of 'crawl'*, In: Ravin Y; Leacock, C: *Polysemy*. Oxford University Press.

- FILLMORE, Charles J. (1971) *Some problems for case grammar*. In: Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Edited by Richard J. O'Brien, S.J. Washington, D.C.:Georgetown University Press.
- HOUAISS, A & VILLAR, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Objetiva.
- LAKOFF, G & JOHNSON, M (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University Express.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. (Coord. Da tradução Mara Sophia Zanotto) - Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Philosophy in the flesh*.
- LIMA, L.C.L. (1999). *Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese de doutorado. São Paulo-UNICAMP.
- MILLER, G A & LEACOCK, C (2000). *Polysemy*. Oxford: Oxford University Press.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. (1999) *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Fpolis, Insular.
- NEVES, H M. (organizadora). (1987) *Gramática de casos*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano II, n.1. UNESP-Campus de Araraquara. SériEncontros.
- NICOLACÓPULOS. A.T. (1995). *O modelo casual da UFSC*. Anais do 1º Encontro do CelSul. Florianópolis (1):203-24, nov.
- OLIVEIRA, M G A (1995). *Predicações polissêmicas e metafóricas - uma abordagem semântica pragmática*. Tese de doutorado, Florianópolis-UFSC.
- OLIVEIRA, A T.C. de (1999). *Cenas benefactivas e movimentos semânticos no contexto da linguagem jornalística*. Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC, mimeo.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Polissemia e campos semânticos*. Anais - Suplemento. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis, UFSC. p.82-91.
- \_\_\_\_\_. (1998). *As dimensões pragmático-discursivas no texto jornalístico*. Working papers em Lingüística. UFSC/CCE-CPGL, n.2. p.45-60.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (1997<sup>a</sup>). *'A manhã é uma esponja': um estudo sobre a engenhosidade semântica*. D.E.L.T.A, vol. 13, n.12. p.247-273.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna*. In: Lingüística e Ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis:Insular. p.147-164.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Metáfora e cognição no século XXI*. Anais - Suplemento. II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis, UFSC. p.103-116.
- PONTES, E (1992). *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1990). *A metáfora*. 2ª ed.. Campinas:UNICAMP.
- ROCHA, S. (1998). *A emergência de enunciados temporais em textos jornalísticos*. Dissertação de mestrado, Florianópolis-UFSC.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Os movimentos semânticos e as nuances de companhia que emergem da linguagem na mídia impressa*. Tese de doutorado, Florianópolis-UFSC.
- ROCHA, S. et alii (1998). *A construção dos sentidos metafóricos e neológicos - uma abordagem casual*. Working papers em Lingüística. UFSC/CCE-CPGL, n.2. p.76-97.
- SACKS, S. (org.) (1992). *Da metáfora*. São Paulo: EDUC, Pontes.
- SILVA, Arlete Souza da. (2002). *Predicadores quase-benefactivos: uma abordagem semântico-pragmática*. Dissertação de mestrado, Fpolis: UFSC.
- SOUZA, Luciana Cristina & NICOLACÓPULOS, A T. (2002) *Um estudo do sub-campo semântico 'quase-benefactivo' em italiano*. 5º Encontro do CelSul. Curitiba/PR.
- TEIXEIRA, R.F.A (1987) *Fillmore: a realização dos casos em cenas*. In: gramática de casos. Série encontros, CPG-LLP/UNESP.(1):II, Araraquara.
- ZILL, R. (Tradução de Ina Emmel). (1998). *No titubear da metáfora: a nova escritura da realidade na filosofia*. Working papers em Lingüística. UFSC/CCE-CPGL, n.2.